

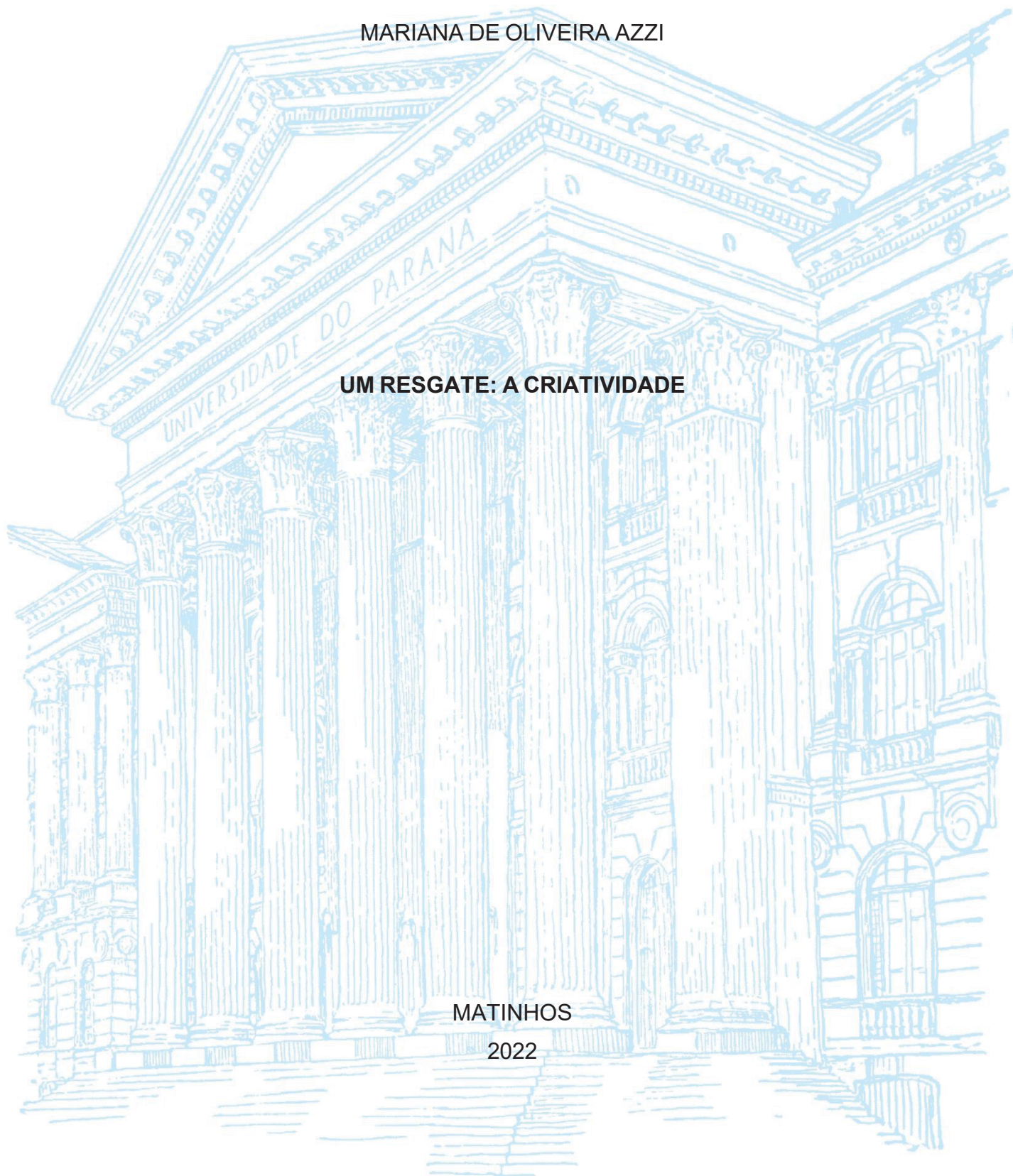
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA DE OLIVEIRA AZZI

UM RESGATE: A CRIATIVIDADE

MATINHOS

2022



MARIANA DE OLIVEIRA AZZI

UM RESGATE: A CRIATIVIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Profa. Ms Susan Regina Raitz Cavallet.

MATINHOS

2022

RESUMO

Um reencontro com o poder do vazio e suas infinitas possibilidades, um convite para o novo, o mergulho, a entrega, guiada por muitas perguntas e metáforas. Trabalho com nuances autobiográficas, em formato de livro com relato de experiência, desenvolvido no percurso da Especialização Alternativas para uma Nova Educação na Universidade Federal do Paraná. Representa a criação que emerge de vivências com características de resgate de valores, sonhos e desejos e que se reconfiguraram em conversas e compartilhamentos de significados, ressignificando uma trajetória de relações com a Educação criativa, empreendedora e emancipadora. Quando foi que deixamos de nos aprofundar em nossas histórias? Porque fazemos o que fazemos? Porque gostamos do que gostamos? Onde foi parar nossa criatividade? Para onde vamos agora? Metáforas, perguntas, a ampla diversidade de respostas marcadas pela simplicidade, daquilo que é essencial nas nossas vidas e encontros são as principais revelações que este trabalho traz.

PALAVRAS CHAVES: Criatividade; memória; mudanças; educação e criatividade.



Um resgate a criatividade
Mariana Oliveira Azzi

Trabalho Final ANE 3
Alternativas para uma
Nova Educação UFPR
Litoral

Mediadora: Susan Cavallet

Não Tenho
nenhuma
Resposta

Mas Tenho
perguntas

A 1ª Regra da Criatividade De: NÃO Há Regras

Essa história não começa do começo. Para resgatar a criatividade é preciso relembrar a regra básica: não há regras. Existem, sim, processos, metodologias, técnicas, didática. Eu bem sei, afinal, já escrevi 6 livros sobre o assunto, criei centenas de aulas e já facilitei classes para crianças, adultos e pais sobre o tema. Mas, regras, não existem não! Por isso, me sinto confiante em começar de onde eu bem entender, sem uma linearidade lógica, porque a verdade é que a vida anda bem bagunçada por aqui, por aí e por todos os cantos, não é mesmo? E eu me pergunto: **onde foi parar a minha criatividade? É a sua?**

é uma boa história, quem sabe eu não conte depois!

Aos 27 anos, após sofrer um acidente que me virou de cabeça para baixo (literalmente) e me deu, além de 10 pinos na coluna, um novo olhar para a vida, cá estou em Buenos Aires, vivendo como uma porteña. Tentando resgatar a fujona, embarquei sola para um outro país em busca de respostas. Já adiante, não as encontrei. Ao invés de respostas encontrei perguntas, diversas delas, das mais simples as mais complexas, e a nossa história começa aí.

essa também

Meus dias de trabalho se resumem em reuniões sem fim, todo o tempo, o dia todo. Não me venham com a pergunta se poderia ou não ser um e-mail porque essa resposta todos já sabem. Por um milagre, estava com uma brecha na agenda e recebi uma mensagem da Susan, minha mentora, que haveria um encontro dentro de 15 minutos para falar sobre o tema do projeto de outra aluna: “decolonização dos currículos”. “*Que diacho é isso?*”, pensei. E, curiosa, decidi ocupar meu tempo livre de reuniões com outra reunião.

Assim que entrei, o Valdo, outro professor, que coordena a pós-graduação de alternativas para uma nova educação, me disse que tinha uma missão para mim. Eu deveria fazer uma visita a uma pessoa que conduz um projeto de educação e convidá-la para o nosso congresso regional, momento de conclusão do curso. Eu disse que sim, claro, poderia tentar.

Disse isso com a cabeça nas nuvens, continuei sem saber muito sobre decolonização dos currículos e concordei com a missão sem muito pensar, pois minha cabeça já estava demasiadamente ocupada com uma decisão que precisava ser tomada.

Recebi um convite que, para muitos, pareceria incrível, impossível de recusar: ser sócia de uma empresa que trabalha com algo que eu amo fazer, com um bom salário e com uma porcentagem considerável da empresa que me possibilitaria ganhar um bom dinheiro em de 5 anos. Eu disse não.

Esse é o
German!!



Assim que o não foi dito me veio um mix de sentimentos, passando por alívio, desespero e, será que, arrependimento? Liguei para a minha pessoa favorita no mundo, meu irmão, e ele me lembrou o motivo de eu ter tomado a decisão: não é sobre dinheiro, é sobre ser feliz! Não é sobre ter pressa, é sobre acreditar no caminho que venho construindo.

Desliguei o telefone e alguns minutos depois recebo uma mensagem. Era German Doin, criador do documentário Educação Proibida e do Proyecto C (a pessoa da missão que recebi), me convidando para uma visita ao projeto. Vocês param pra ouvir o universo? Naquele momento certamente o universo veio me dar colo e me dar um tapinha no ombro dizendo “está tudo bem, pode continuar sua caminhada”. E assim o fiz. Me encontrei com o German e, muita atenta a oportunidade, me ofereci para voluntariar no projeto, desbloqueando algo que há muito desejava: viver a educação livre das crianças. No meu primeiro dia, ainda como visitante, sentados em roda no início do turno, um dos professores do projeto me apresentou e perguntou se alguma criança tinha alguma pergunta a me fazer. Mãozinhas eufóricas se levantaram e, da forma mais inocente e simples possível, as perguntas começaram a surgir.



De onde você é?

Qual a sua idade?

Qual a sua cor preferida?

Qual o seu animal preferido?

Qual o seu sabor de sorvete preferido?

E foi com essas perguntas que fui recebida no meu primeiro dia no Proyecto c. Se imagine em meu lugar. Aposto que você tem as respostas na ponta da língua, né? Eu demorei segundos para responder todas as perguntas. Moleza! Mas, vem cá, você respondeu cachorro ou gato para o seu animal preferido? Se sim, precisamos conversar. Quando foi que as respostas começaram a ficar cada vez mais rasas e rápidas? Quando foi que a gente parou de reconhecer e entender quem nós somos? Quando foi a última vez que você enxergou quem se vê no reflexo do espelho?

Faça a mesma pergunta para as crianças e você receberá uma resposta completa, com justificativa e uma dissertação elaborada sobre o assunto. Ouvi as respostas mais diversas sobre animais favoritos, passando por pinguim e seu jeito de andar, até rinoceronte e seu nome engraçado.

E, se você convive com alguma criança, já pode imaginar qual é a sequência para a maioria dessas perguntas: **Por que?**

E agora? Talvez alguns segundos não sejam mais suficientes para responder. Por que a sua cor preferida é amarelo? Por que seu animal favorito é a libélula? Por que você nasceu em Belo Horizonte? Por que seu aniversário é em junho? Você sabe realmente o por que? O que tudo isso diz sobre você?

E se a gente tentasse
resgatar nossa criança
interior e mergulhasse com
profundidade e curiosidade
nas perguntas que nos
rodeiam?

“Quem mata a criança que
tem dentro de si não vira
adulto: adultera-se.”

Rubem Alves

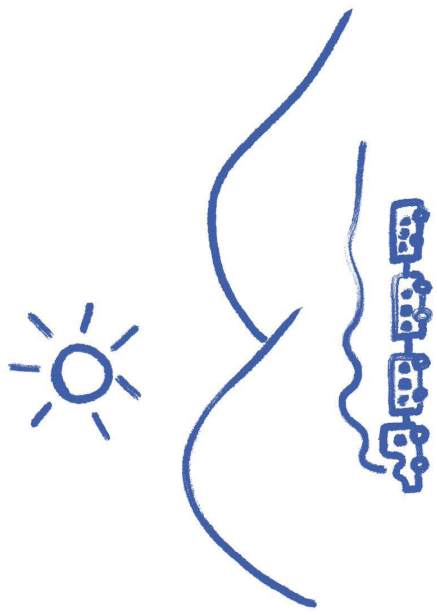
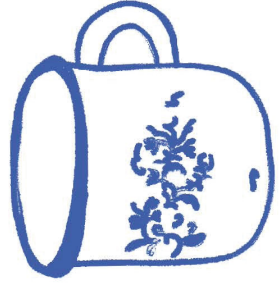
Um memoria-l
Muitas perguntas
Um resgate

De onde você é?

Muito fácil! Sou do Brasil,
de Minas Gerais, nascida
em Belo Horizonte.

Mas o que isso significa?

O que a sua origem e as
suas raízes dizem sobre
você?



Como era a sua infância na cidade onde nasceu?

O que você gostava de fazer?

Quando eu entrei no ensino médio, eu me deparei com um problema que eu não conseguia resolver. Logo eu, que estava tão acostumava e amava quebrar a cabeça. Meus pais começaram a se separar e, quando a questão envolve o coração, racionalizar não traz solução. Foi uma separação muito difícil e levou 3 anos entre tentativas de todos nós de, de alguma forma, reencaixar as peças. Quem derá fosse fácil assim, pois não foi e acabou desestabilizando toda a minha família. No auge da minha adolescência, com 16 anos, foi o meu primeiro contato com a dor, daquelas que rasga o peito e tira o chão. Me vi desamparada em diversos sentidos, não só pelos meus pais, mas principalmente pelo fato de que não havia aprendido a reconhecer e lidar com meus sentimentos.

Me dei conta, alguns anos depois, mergulhando em mim, em um processo profundo de autoconhecimento, que essa dor que vivi lá atrás seria o combustível para o início da minha jornada na educação.

Você já jogou aqueles joguinhos de fuga? Aqueles em que você está trancado em um quarto e tudo que possui são coisas como uma havaiana arrebitada, um clip de papel e um barbante, disponíveis para tentar escapar do cômodo, sabe? Talvez isso seja uma contestação de quem já não sou tão jovem assim, mas, quando eu era criança, eu era completamente viciada nesse tipo de jogo. Eu sempre amei resolver desafios, quebra cabeças, resolver problemas. Confesso: uma nerd de carteirinha que vivia com a cabeça nas nuvens. Adorava estudar, principalmente matemática e resolver exercícios de lógica; gostava de inventar coisas, principalmente histórias, e era a quem meus amigos recorriam quando precisavam de ajuda nos estudos.

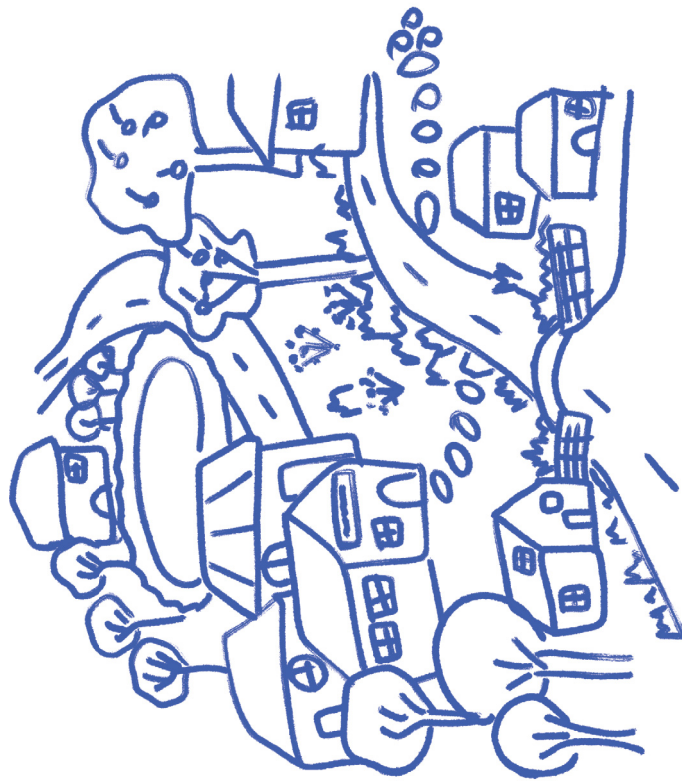
Quem ensina a lidar com as nossas emoções?

O que você está sentindo?

O que o seu corpo está dizendo?

O que a gente faz com a dor?

O que você pode fazer agora?



E se a gente fizesse essas perguntas para as crianças?

Como se aprende a lidar com as emoções?

Qual o seu
animal
favorito?

Desde pequena as libélulas me chamavam a atenção; pela sua beleza, pelo seu jeito de voar, pelas suas asas e formato do corpo, pela sua raridade em aparecer no meu quintal, por sempre ser vista em momentos mágicos, perto de cachoeiras.

Quando mais velha, li em algum site qualquer que dizia sobre o significado dos animais. Lá estava uma definição que me marcou “Libélula: essência dos ventos de mudança”.

Sempre me senti meio libélula, desejando entrar em movimento, mais que isso, necessitando o movimento. Aprendi que não posso esperar o vento da mudança chegar; eu sou o vento, assim como as libélulas.

Como boa curiosa e exploradora de problemas, iniciei minha trajetória profissional no design. Muitos não sabem, mas essa palavrinha que é facilmente associada com questões estéticas, coisas bonitas, na realidade tem um significado muito mais racional do que parece. “Design: projetar soluções para problemas”, dizia um professor da universidade em que me graduei.

Após projetar soluções para problemas das maiores empresas do Brasil, sentia o vento pulsar dentro vibrando por transformação. Passei dois meses do outro lado do hemisfério, vivendo em Londres e mochilando por lugares que sempre sonhei estar: Grécia, Espanha, Holanda, Alemanha, Portugal e uma coleção de novas experiências que desbloqueavam novas percepções sobre a vida e o nosso mundo.

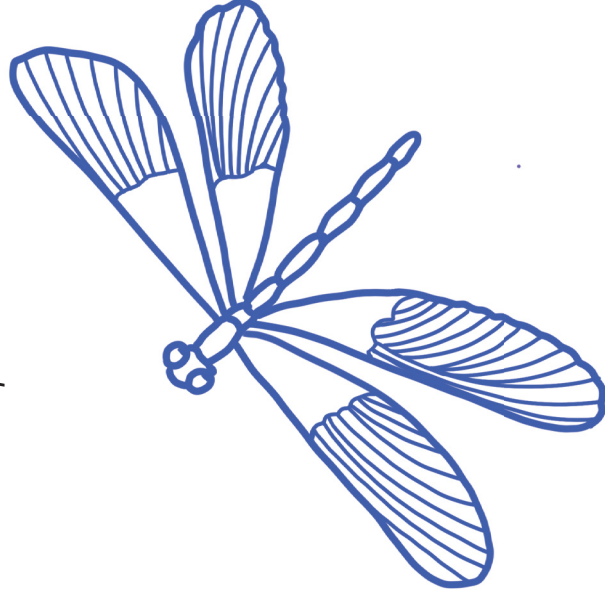
Voltei para o Brasil com a certeza de que onde eu estava, não era o meu lugar, mas sem ideia de qual seria o próximo passo da minha jornada. Não queria continuar a contribuir com empresas que não estavam alinhada aos meus valores e queria empregar energia em algo que eu realmente acreditasse. Mas, ainda não tinha ideia do que seria.

Apreendi em uma tirinha do Theo e o Mini Mundo que se olhamos de perto, enxergamos detalhes, fragmentos da realidade. Se nos afastamos, temos uma visão ampla, mas os detalhes somem. Para enxergar o todo, às vezes, é preciso fechar os olhos e olhar para dentro.

Me recolhi e deixei o vento tomar conta, tirando tudo do lugar, para que, então, pudesse voltar a caminhar.

“É que por enquanto a metamorfose de mim em mim mesma não faz nenhum sentido. É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu - só tenho o que sou. E agora o que sou?”

*A paixão segundo G.H. -
Clarice Lispector*



Qual a sua
idade?

Cheguei aos 28 anos.
Retorno de saturno, 5º
setênio, concretização
da vida adulta. Busca por
razão e equilíbrio, por
quem e o que preenche e
deve permanecer.

Momento de viver o seu
propósito e encarar a vida
profissional.

Mas, o propósito natural
dos seres humanos não é
ser feliz?



Nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais. Cresci na cidade grande em uma bolha de proteção.

Na escola era nerd e muito tímida. Era quem ajudava meu grupo de amigas a estudar e passava cola.

Trabalhei criando soluções digitais para grandes negócios como Gerdau, MRV e Localiza.

Me formei em Design pela UEMG e meu TCC foi o redesign do serviço de um projeto educacional.

Meus pais se separaram e tudo começou a dar um nó.

Conheci o mundo. Fui para Londres estudar business. Realizei meu sonho de conhecer a Grécia com meu próprio dinheiro.

Pandemia!

Fui convidada para dar aulas de criatividade para negócios na graduação da faculdade francesa Skema, por um semestre.

Peguei a mochila e desbravei a Itália e a França em 40 dias com uma amiga.

Comecei a criar o EC, a matéria de Empreendedorismo e Criatividade para o Ensino Médio.

Mergulhei em mim. Fiz um curso de autoconhecimento da fundação estudar e assisti uma palestra do Gustavo Ziller.

Decidi largar tudo!

Criei um grupo de autoconhecimento, acolhimento e escuta para mulheres, o de olhos fechados.

A editora que distribuía o EC foi comprada pelo maior grupo de educação da América Latina.

Vendi meus direitos autorais a contragosto e fui contratada como CLT.

Terminei de escrever os 6 livros do EC e me trocaram de área na empresa. Voltei a trabalhar com tecnologia, agora assumindo a área de Growth Hacking.

Não fazia a menor ideia do que eu estava fazendo.

Passei um mês morando no litoral de São Paulo, em Ilha Bela, isolada com uma amiga. Me senti viva.

Minha avó faleceu.

Decidi alçar voos maiores e fui para Buenos Aires.

Segui viagem, passei uma temporada no Ceará e depois de volta a floripa.

Comprei um carro e decidi viajar por aí, comecei a viver nômade. Fui parar em Florianópolis.

Descobri a Ane 3 e me inscrevi.

Sofri um acidente de bicicleta, quase fiquei paraplégica e tive que operar. Agora tenho 10 pinos na coluna.

Fui voluntária no Projecto C, um projeto de educação livre. Minha chama reascendeu.

Fui acolhida de volta ao Brasil na Conane Caiçara por vários corações vibrando no mesmo ideal.

Me recolhi e reiniciei meu processo de autoconhecimento. Iniciei no Germinar, um programa de pedagogia antropológica.

Sigo fazendo perguntas...

Minha avó foi uma grande educadora. Dedicou todo o seu amor a educação inclusiva de pessoas com síndrome de down, tocou e inspirou muitos jovens ao longo de sua vida. Eu nunca me imaginei trilhando esse caminho, mas hoje sinto que esse trajeto sempre morou em mim. Comecei minha caminhada na educação de forma meio tímida e meio torta, sem saber por onde andava, com uma curiosidade genuína feita a de criança e um desejo gritante de sentir pulsar algo aqui dentro.

A cada vivência em sala de aula pude experimentar a sementinha sendo plantada em cada brilho nos olhos e olho no olho nas salas de aula e isso fez brotar algo gigante no meu peito.

Durante o caminho, encontrei o Ray, que me ensinou sobre confiar nas pessoas e deixar que o melhor delas seja percebido, não pelos outros, mas por elas mesmas. Dar pista para que cada um possa voar, dizia o Dudu. A Sil veio para ensinar sobre os olhos do avesso, que miram no que faz terremoto no peito. Já o Renan me mostrou sobre o cuidado mais puro e altruísta com as pessoas, qualquer uma, todas elas.

Com essas e outras tantas pessoas queridas, coloquei tudo de mim em algo que acredito com todo o meu ser e que conversa com a minha criança que tanto precisava de acolhimento e aprender a lidar com as emoções lá atrás.

A matéria de Empreendedorismo e Criatividade para o Ensino Médio nasceu para levar mais olho no olho e brilho nos olhos para as salas de aula. Não é sobre abrir negócios e, sim, transformar qualquer vontade em ação. É olhar para dentro, se reconhecer, reconhecer o outro e reconhecer o mundo ao seu redor. É entender onde quer empregar sua energia e quais são os seus superpoderes. É saber lidar com os problemas e as emoções. É saber canalizar sua potência criativa nos projetos e sonhos que quiser realizar. É tudo aquilo que gostaria de ter aprendido na minha escola.

Criei mais de 100 aulas para 3 anos escolares, escrevi 6 livros didáticos e dezenas de planos de aula, montei outras dezenas de powerpoints cheios de gif e animações, treinei professores de todo o Brasil e alcancei, em 2022, mais de 40 mil alunos de todos os estados através do meu conteúdo.

Meu conteúdo?

Primeira grande descoberta como autora: não há controle sobre a obra. A obra é de quem a lê. Cada um interpreta o que o autor escreve de uma forma, com seu olhar. Cada um replica o que o autor propõe da sua forma, com o seu olhar. Quando se trata de material didático, todos somos coautores. Eu sou ponte, o professor é condutor.

Qual o poder do vazio?

Agora?

Eu me esvaziei por inteiro ao colocar minha obra no mundo. Quando se coloca uma obra no mundo, se coloca tudo de si. Me esvaziei. Deixei no mundo tudo que me preenchia, toda a minha potência, toda minha sabedoria, todas as minhas crenças.

O vazio é bipolar. Hora alívio, hora desespero. Hora satisfatório, sensação de dever cumprido, hora ansiedade e tristeza, sensação de estar perdido. De onde nasce a criação? De onde ressurgue a potência de criar algo novo, ainda desconhecido?

Preciso me preencher de novo para me esvaziar. Mas, me preencher de que?

Existe um poder imenso no vazio. É a página em branco, de infinitas possibilidades, um convite para o novo, para o mergulho.

E se, antes de me preencher para criar algo para os outros, eu me preenchesse de mim? Eu por completo sou capaz de me transbordar em mil e depositar gotinhas por aí.

Eu quero me preencher de histórias, de sensações, de memórias, de pessoas. Quero me (re)preencher de mim.

“Viver é um
rasgar-se e
remendar-se”

Guimarães
Rosa





amarelo

substantivo masculino

1. cor da gema de ovo, do açafão, do ouro.
2. é a cor do verão quando não chove ou do inverno quando faz sol
3. é ser girassol e entender que a sua luz vem de dentro
4. é cor de luz, de calor, de alegria e otimismo. é cor de dia feliz
5. é cor que faz chama, faz fogo. que incendeia dentro e fora
5. é despertar da criatividade
6. é lembrança de férias com a família
7. carrega amar e elo no nome pra relembrar que só o amor salva

Qual a sua
cor preferida?

24 de maio de 2022
Buenos Aires

Coloquei os pés na água pelando devagar, um depois o outro. Sentia minha pele queimar e em poucos segundos o fogo se misturou com o que queimava dentro. Fogo que pulsa vida, que pulsa o feminino, pulsa sexo e pulsa morte. A chama que quer destruir e devastar tudo que se vê. A mesma que quer incendiar e transmutar tudo que não cabe mais nesse lugar.

Senti o toque quente na pele e me deixei flutuar, sentindo a pressão da água sob as entranhas das vértebras passando pelo titânio que é marca física do estar vivo, aqui, agora, apesar de tudo.

Me dou conta de onde estou: tomando banho em uma banheira na Argentina, em Buenos Aires, em uma das várias casas que passei nos últimos tempos, ouvindo It's time do Bobby Alu ao fundo dizendo "you know you feel so right, no need to change the vibe. Oh sweet honey it feels right there's no doubt". Sim, não há dúvidas.

Em dias tristes, me sinto azul.
Em dias felizes, me sinto amarelo.

"Amar é um elo
Entre o azul
E o amarelo."

Paulo Leminski

Qual o seu
sabor de
sorvete
preferido?

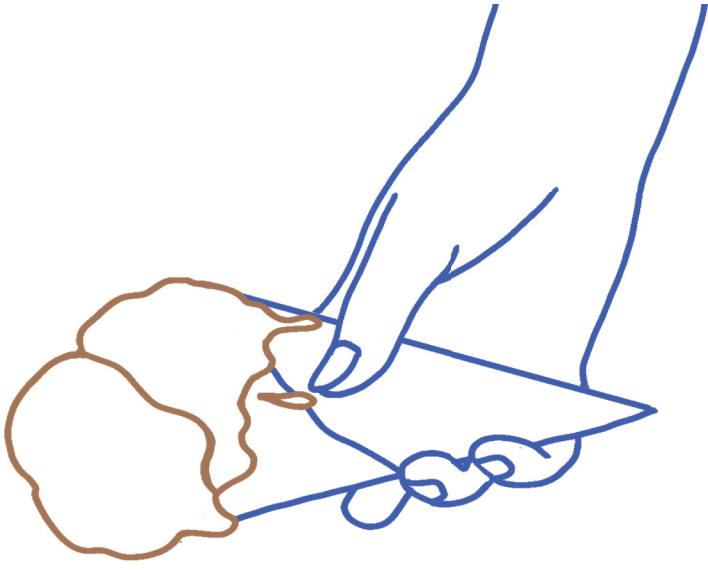
O vento gelado já indicava o fim do outono se aproximando em Buenos Aires. A folhas e flores em tons terrosos que antes criavam um cenário encantador e acolhedor, desapareciam diante de troncos cada vez mais secos. Para uma chica de país tropical, o frio era congelante, até comprei uma luva para aquecer as mãos judiadas pelo clima.

Em um desses dias frios, um debate caloroso, oposto à temperatura de fora da casinha do Projecto C se iniciou: sorvete no frio, sim ou não?

Dividindo opiniões entre crianças e adultos há quem dizia que não existe tempo ruim para um bom sorvete, e preciso dizer, de helados a Argentina entende bem. Há quem dizia que sorvete é sobremesa feita pro verão.

Levantei a mão a favor da liberdade do sorvete em qualquer hora e temperatura. Mas, tenho que confessar, até então após quase um mês vivendo por lá, não havia desfrutado da sobremesa nenhuma vez se quiser.

Fazia 7º, já era tarde da noite e me sentia uma rebelde libertária. Estava jantando com alguns amigos e antes de voltar para casa, paramos em uma sorveteria de dois velhinhos muito simpáticos. O senhor nos contou sobre o Tiramissu produzido pela sua mãe, já na casa dos 90 anos. A receita era um segredo de família e ele jurava ser o melhor da cidade. Os sorvetes eram igualmente caseiros produzidos por uma família muito simpática. Começamos a provar vários sabores distintos, mas, no final, a escolha seguiu sendo o meu sorvete favorito: doce de leite. O desfrutei com uma sensação maravilhosa de liberdade e poder.



De onde surgem as regras sociais que criamos? E se invertêssemos o sim pelo não, o certo pelo errado, o quente pelo gelado? Talvez a vida agora esteja pedindo mais transgressão ou apenas que a saboreemos com tranquilidade, simplicidade, permissividade e um pouco mais de curiosidade.

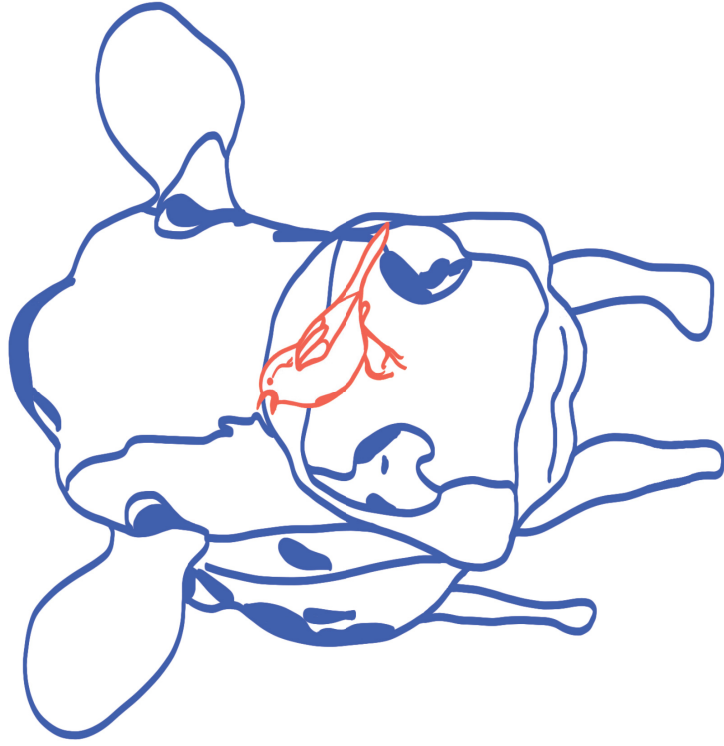


A cada pergunta mais 5 ou 6 surgiam, que se desdobravam em 10 ou 12, até me faltar a razão, começar a flutuar em pensamentos e navegar pelos sentimentos. Talvez as respostas estejam aí, não na lógica das palavras, mas no despertar das emoções.

Onde se
encontra a
felicidade?

Me ocupei tanto de mim que não sobrou tempo pra mais nada. Não sobrou tempo para me dedicar a projetos pessoais, escrever uma dissertação ou para gastar 8 horas num escritório. Havia pouco tempo, ainda assim, para a maior das ocupações: a vida!

De tanto buscar a felicidade, a perdi. A busca por algo inatingível é dolorosa. A dor só sessa quando descobrimos que a felicidade está no caminho e não na chegada, e que não se busca e sim se percebe. É preciso abrir os olhos e o coração e deixar ela entrar. A felicidade não está nos projetos que deixei de fazer, nas páginas que deixei de escrever, nos cursos que deixei de vender, ou nas horas que deixei de trabalhar, mas sim, no tempo em que vivi, sem não sofrer, mas a aprender e me encantar com instantes breves, como o pousar de um passarinho no focinho de uma vaca deitada em um pasto perto de casa em um dia que o céu dançou em cores ao se por.



“Lembrete
Se procurar bem você
acaba encontrando.
Não a explicação
(duvidosa) da vida,
Mas a poesia
(inexplicável) da vida.”

*Carlos Drummond de
Andrade*

Redescobrir

Recriar

Reconstruir

Uma jornada sobre criatividade é uma jornada sobre felicidade.

Buscamos a nossa criatividade porque buscamos a nossa felicidade.

Desejamos ser mais criativos para viver uma vida mais feliz.

Checklist de não respostas

- Nunca dúvida do poder da rede
- Chame as pessoas para tomar café
- Deixe o universo agir

Como
resgatar
a nossa
criatividade?

Observemos
as crianças!

Já imaginou como seria se deixássemos as crianças tomarem conta da casa? Não só para bagunçar e se divertir, mas para cuidar, construir e decidir?

Na casinha em do Projecto C é assim. As crianças e os adultos criam e aprendem todos os dias um pouquinho sobre si, sobre o outro, sobre o mundo e sobre o que mais elas quiserem aprender. A curiosidade é o lanche de todo dia, não faltam perguntas e vontade de explorar.

Quando alguém bate a campainha, não passa sem responder um montão de perguntas. E não pense que uma criança irá se contentar com uma resposta de uma palavra só. Você está preparado para responder com profundidade perguntas sobre coisas aparentemente simples?

Quando foi que deixamos de nos aprofundar nas nossas histórias? Por que fazemos o que fazemos? Porque gostamos do que gostamos? Onde foi parar a nossa criatividade? Em busca, não de respostas, mas sim de perguntas e histórias, permaneci rodeada de amor, do mais puro possível, que não é preciso se esforçar, só se entregar e deixar ser brincante, ser observador, ser presença.

Se todos nascemos criativos, onde foi parar a criatividade dos adultos?

Criar, imaginar, sonhar, explorar, descobrir, testar, experimentar, vivenciar, acreditar.

Pras crianças, tão natural.
Pros adultos, algo se perdeu.

Como resgatar o que é inato do nosso ser? Talvez a resposta esteja em voltar a ser criança.

Iniciamos pela curiosidade de fazer perguntas.

Que pergunta você faria se tivesse cinco minutos para falar com:

Deus

A pessoa mais velha do mundo

Um alienígena

Quem você mais ama no mundo

Dinossauro

Astronauta

Fantasma

Presidente

No céu
tem pão?

Como é ser tão
grandioso?

Como você
da conta de
cuidar de
tanto gente?

Por que você
me ama?

Como consegue
atender tantos
pedidos?

Você
realmente
existe?

Por que
a gente
sofre?

Por que?

Deus

Estou no
caminho
certo?

Por que
existem
guerras?

Quem é você?

Me perdoa?

Como você
surgiu?

O que é certo?

Por que nos
criou?

Por que não
me responde?

O que acontece depois
que morremos?

Como você
aguenta?

Qual é o segredo
para viver tanto
tempo?

Envelhecer dói?

O que é
fundamental?

Qual foi o
melhor dia da
sua vida?

Do que você se
arrepende?

Qual conselho
me daria?

A pessoa
mais velha
do mundo

Como é viver
tanto tempo?

Qual a
melhor e a
pior coisa da
vida?

Qual o sentido
da vida?

Qual a
sua melhor
lembança?

Você sente
que viveu da
forma certa?

O que você
fez para ter
tanta saúde?

Como era a
sua infância?

Qual a sua
impressão
sobre os seres
humanos?

Como vocês
foram
criados?

Me leva?

Eu sou daqui?

Como é o seu
planeta?

Como podemos
melhorar?

Como é ser
estranhado por
tantas pessoas?

Do que você
é feito?

Um
alienígena

Vocês estão
entre nós?

Vocês vão invadir
a Terra?

De onde você vem?

Por que ainda não
fez contato?

A natureza aí é
tão bonita quanto
aqui?

O que tem de
melhor no seu
mundo?

Como é a
comida no seu
mundo?

Qual a pessoa
você mais ama
no mundo?

Por que você
morreu tão cedo?

Como posso te
ajudar?

O que você
precisa de
mim?

Você me ama da
mesma forma
que eu te amo?

Você é feliz?

Quem você
mais ama
no mundo

Você sabe que
é importante
para mim?

Por que você
se foi?

Por que você não
faz sazanha todo
dia?

Você se orgulha
de mim?

Por que você não
vive para sempre?

Por que você me
deixou?

Qual o nosso
melhor momento
juntos?

Cabe mais um na sua nave?

É muito solitário aí?

O tempo passa mais devagar aí em cima?

Qual a sensação de estar no espaço?

Como é a visão da terra aí de cima?

Como lidar com o silêncio?

Astronauta

Qual é a sensação de flutuar?

O homem realmente chegou na lua?

Você não tem medo do espaço?

Como é a vida aí em cima?

Como é viver no ar o tempo todo?

Como é não sentir a gravidade?

Como se sente no vazio do espaço?

Como se sente sendo esteriótipo de ferocidade?

Como é ser extinto?

Gostaria de voltar a viver?

Você foi congelado?

Posso andar em você?

Como era o mundo?

Me da uma carona?

Quanto anos você tem?

Dinossauro

Você sente?

Você percebeu que se aproximava o fim?

Como é nascer de um ovo?

Você sentiu medo?

O meteoros brilhavam?

Você come carne ou folhas?

Foi mesmo um meteoro?

O que você descobriu?

Você é feliz na vida após a morte?

Como é ser invisível?

É divertido causar medo nas pessoas?

Como é morrer?

Como foi a sua vida?

Por que você voltou do além?

Como é a vida após a morte?

Você lembra da sua vida?

Fantasma

Por que você não segue em frente?

Qual a sua maior saudade?

Como é não ser enxergado todos os dias?

Você consegue me ouvir?

Você é do bem ou do mal?

Por que ainda está aqui?

Ontem a noite era você?

Por que você quis ser presidente?

Como é ter que fazer tanta coisa por um país?

Qual a pessoa que você mais confia?

Qual o seu plano?

Você acredita na lei de ação e reação?

Não tem vergonha?

Presidente

O que vai fazer para os mais pobres?

Como é deter de tanto poder?

O que te fez querer ser presidente?

Quando criança você já sonhava em ser presidente?

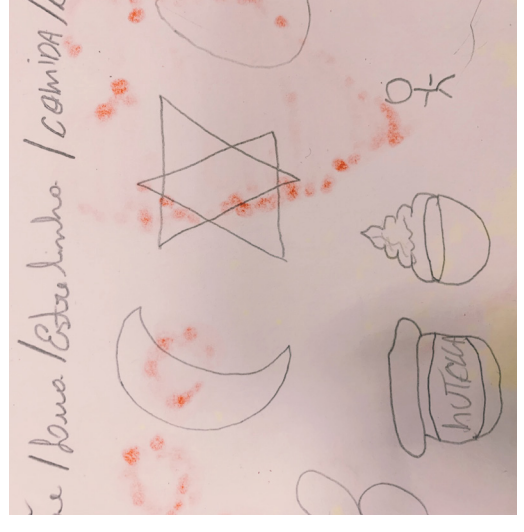
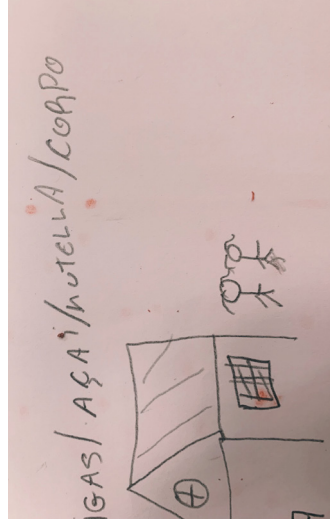
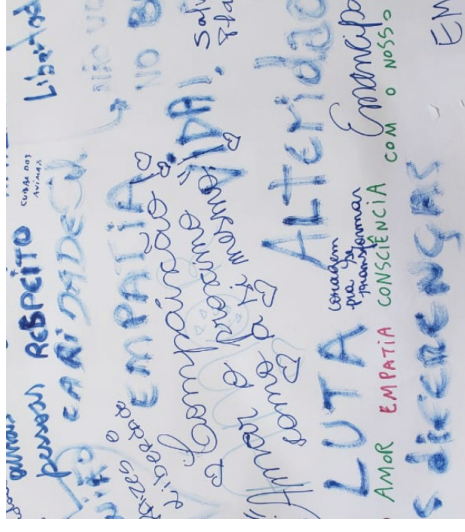
E agora? Se
você fosse
esses seres,
o que você
responderia?

E se fizéssemos as
mesmas perguntas para
crianças e adultos, qual
seria o resultado?

O que é
fundamental?!

Para os adultos: a empatia, o respeito, o amor, a igualdade, a compaixão, a consciência, a liberdade, a emancipação, a união, a paz.

Para as crianças: a lua, as estrelinhas, nutella, açai, o corpo, comida, água, ar, as árvores, a família, os amigos, dormir e ficar hidratada.



Quais os seus
sonhos?

Para os adultos: plantar
uma sociedade mais
igualitária, viver em paz
com as diferenças, ganhar
na mega da virada, ver
quem eu amo feliz.

Para as crianças: uma
cachoeira de chocolate, ser
a rainha dos animais, voar,
morar na lua e amor na
vida.

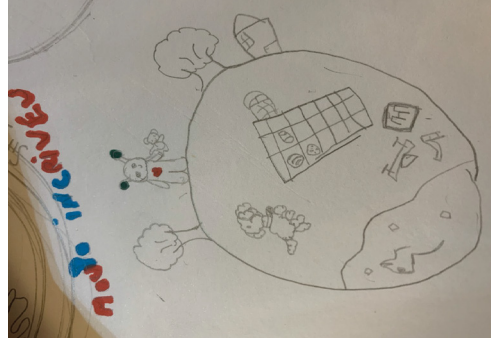
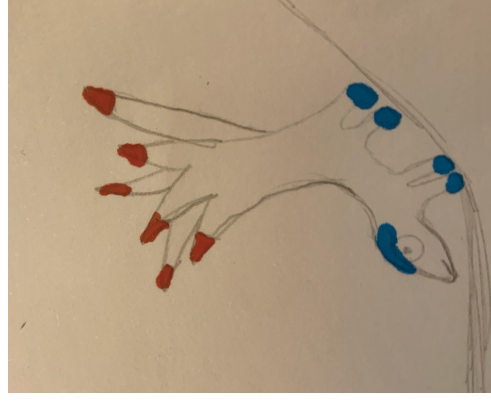


Responda como um alienígena:

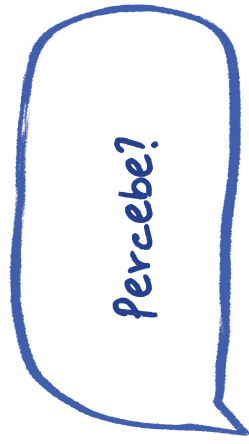
Como é o seu planeta?

Para os adultos: cheio de alienígenas, com crateras, plantas, colorido e com animais diferentes.

Para as crianças: sem covid, com muita felicidade e comida, com picnics, animais fofinhos, dividido em uma parte de fogo, uma parte de água e uma parte de mcdonald's.



Eu aprendi com as crianças a fazer perguntas e buscar respostas. A ser curiosa e imaginativa. A ser exploradora de mim. A ser navegante do mundo.



Percebei

Resgate
a sua
criatividade!
Faça
perguntas e
seja curioso,
busque
respostas,
crie histórias,
imagine a
vida.
Resgate a
sua criança!

- De onde você veio? O que a sua cidade diz sobre você? O que a sua criação e a sua família diz sobre você?
- Qual a sua idade? O que você já fez durante essa jornada? O que essa fase representa para você?
- Qual o seu animal favorito? Por quê? Como ele te representa?
- Qual a sua cor preferida? Por quê? O que essa cor representa?
- Como você chegou até aqui? Para onde você vai? O que você esqueceu sobre você?
- Qual o seu maior medo? Por que ele te acompanha?
- Qual a sua palavra favorita? Qual a sua origem?
- Qual o seu filme preferido? Como você se identifica com essa história?
- O que é felicidade pra você? Você é feliz?

16 de junho de 2022
Buenos Aires

Dia de despedidas. Sento-me em um café já conhecido e peço minha refeição preferida: flat white e croissant de amêndoas. Do outro lado da rua, pessoas trabalham animadas limpando e arrumando o restaurante que abrirá para o almoço, ao som de Audioslave. Escuto "i will wait for you there, like a stone" e parece que a cidade conversa comigo e me conforta. O mundo não para, mas a cidade de pedra espera e não sai do lugar.

Tomo meu café pacientemente e aprecio a vida ao redor, pessoas lendo, uma mãe balançando o carrinho do bebê que dorme silencioso ao som do rock ao fundo, pessoas passam todo o tempo passeando com seus cachorros. Tento tirar uma selfie desajeitada para registrar o momento. Outra música começa "she's got a smile that it seems to me reminds me of childhood memories" e percebo que sorrio com os olhos, como as crianças que convivi durante esse último mês.

E, assim, a música finaliza com mais uma pergunta, de uma coleção que carrego comigo para o próximo destino: where do we go now? Pago a conta e sigo o caminho de casa. A cidade me responde: dreams do come true / cuida tu mente.

Onde há afeto,
é a direção

